



## O engano se desfaz e a realidade vem à tona: reflexões da mulher a partir do conto *A mulher insatisfeita*, de Celamar Maione.

Mayra Lira da Costa

Joseane dos Santos Costa<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A história nos mostra em vários momentos, que no decorrer dos séculos as mulheres foram injustiçadas e privadas de sua liberdade, assim como um pássaro que o instinto maior é de voar, mas que por vezes cai em "arapucas" – armadilhas planejadas pelos homens – também são as mulheres. Mesmo aquelas que pensam ser livres, convivem com o preconceito sutil que está arraigado em nossa sociedade que diz estar longe de preconceitos, porém, nas situações do cotidiano demonstram como verdadeiramente esses princípios permeiam a vida de cada um e se apresentam no dia a dia das pessoas.

Vivemos em uma sociedade patriarcal que, infelizmente, não abrange apenas nossa sociedade, mas boa parte do mundo se encaixa em pensamentos bitolados e machistas. Não obstante, nos deparamos com notícias, nas quais mulheres são mortas ou violentadas das mais diversas formas por não terem um comportamento condizente com o qual suas famílias ou marido estipularam, por estarem em ‘lugares errados’, escuros e esquisitos ou simplesmente, por destoarem do comportamento exigido pela sociedade.

Em pleno século XXI, muitas pessoas defendem que nunca se teve tanta liberdade de expressão, e conseqüentemente, tanta "libertinagem" quanto no momento em que nos encontramos ao mesmo tempo em que vemos denúncias de casos de estupros coletivos, agressões contra a mulher, dentre tantos outros casos deploráveis. Existem ainda aqueles que justificam tais atrocidades e dizem que casos como estes acontecem devido ao fato de as mulheres estarem cada vez mais desinibidas, frequentarem lugares inapropriados ou usarem roupas curtas, como por exemplo, bailes de periferias.

Desta forma, o preconceito econômico justifica muitos dos crimes praticados contra a mulher. Mas se a violência é uma realidade apenas para as pessoas que vivem em situações econômicas desfavorecidas, que justificativa irão dar para os casos de homens

---

<sup>1</sup> Graduada do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande.



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

milionários que são acusados de agredir suas companheiras?

Algumas pessoas procuram argumentos e meios de repassar para as mulheres a culpa por terem seus direitos violentados, não admitindo assim, que estas venham sofrendo ao longo dos séculos uma verdadeira "enxurrada" de preconceitos, sejam eles de maneira explícita ou sutil, fazem parte dos costumes da nossa sociedade. Percebemos assim, que as escolhas dos homens quase nunca são questionadas. Desde cedo podem ir para onde quiserem, seja festas ou trabalho noturnos, enquanto das mulheres, espera-se uma postura mais frágil, em que não se coloquem em situações de risco, pois seu lugar é em casa, protegidas pelo patriarca da família.

O ser humano, muitas vezes gosta de aproveitar-se daquilo ou daqueles que considera fraco. Levando isso em consideração, o que foi discutido anteriormente, nesse caso seria: o sexo frágil, a mulher, a questão do preconceito de gênero, que vem sendo tão difundida e criticada por aqueles que querem convencer as pessoas menos informadas no que diz respeito a essa temática, que tal preconceito não existe e que é um absurdo criado por pessoas que não se contentam com nada.

É difícil nos acostumarmos – ou nos condicionarmos – a sermos consideradas hierarquicamente inferiores aos homens, quando nos esforçamos tanto, trabalhando, estudando, cuidando de nossas famílias, de nossas casas e de nossos filhos quando os temos e, mesmo assim, percebermos a negação de nossa liberdade e direito de escolhas, muitas vezes em relação ao nosso próprio corpo e sexualidade.

## **Fundamentação Teórica**

Os escritos históricos nos mostram inúmeras mulheres que se rebelaram contra o que ditava a sociedade de suas épocas, e por isso, foram chamadas de “bruxas”, possuídas pelo demônio ou canal deste, e que precisavam ser exterminadas para não contaminarem os outros com o mal. Foram nomeadas simplesmente pelo poder de convencerem os homens e regerem a sociedade, assim, foram queimadas vivas em inquisições lideradas pela Igreja pelo medo dos homens serem considerados inferiores.

No código civil de 1916 a inferioridade e a submissão da mulher em relação ao homem estavam sacramentadas, pois afirmavam que “ao homem

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)



cabia ser o chefe da família, a administração dos bens comuns do casal e dos particulares da esposa, além do direito de mudar ou fixar o domicílio da família”. Nesse sentido, a mulher continua a ser vista como uma propriedade do marido, já que para o código civil de 1916 ela era incapaz de administrar seus próprios bens. (NASCIMENTO, 2008, p. 52)

Tais afirmações nos fazem refletir o porquê da figura feminina ser objeto de tanta discriminação, já que em momento algum, temos relatos de homens que são criticados por saírem de casa sem permissão, de saírem para a rua mostrando o torso ou por exigirem cuidarem de suas próprias finanças. Aliás, na maioria das vezes, ocorre justamente o contrário. Os homens são educados desde criança para “dominar” as finanças da família, enquanto das mulheres exige-se que sejam boas donas de casa, boas mães e esposas submissas, caso contrário são consideradas “inadequadas”, ou até mesmo “fracassadas”.

Muitos desses dizeres prevalecem até hoje, somando-se a outros como: “homens não acham atraente mulheres que gostam de futebol”, “as mulheres devem se vestir de forma recatada, pois os homens não namoram sério com garotas vulgares”, “mulher não deve falar palavrão” entre outros. A razão de tais sentenças serem levadas em consideração é justamente o medo que algumas mulheres têm de não conseguirem de fato um casamento, tendo em vista que, algumas delas comungam da ideia de que precisam estar ao lado de uma figura masculina para serem respeitadas na sociedade. Então, não basta ser inteligente, ter um bom emprego ou dinheiro, de nada valerá tudo isso, se ela não constituir uma família e depois conceber a prole, ou seja, os filhos.

A partir das reformas e transformações ocorridas nas cidades europeias no século XIX, podemos perceber as mudanças ocorridas nos costumes e na construção de novas sociabilidades entre as pessoas pertencentes, especialmente, à classe burguesa que comandava a sociedade da época. Tanto as transformações ocorridas com o advento da modernidade e com os símbolos do moderno quanto às mudanças nos costumes que eclodiram na Europa afetaram diretamente, embora bem mais tarde que nas sociedades mencionadas, a sociedade brasileira e, dentre outras coisas, a condição feminina.

De acordo com Nascimento (2008, p. 21), a mulher no Brasil “passa a ter certa importância na ordem burguesa porque é ela que gera e educa os filhos que serão os cidadãos do futuro. Portanto, a grande missão da mulher era casar e ter filhos. Por este motivo, elas se tornam alvo de uma política sexual que



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

visa controlar o seu comportamento e sua vida”. Assim, podemos compreender como a sociedade foi construindo o lugar que a mulher ‘decente’ deve ocupar na mesma concomitantemente em que foi criando os estereótipos e os preconceitos para aquela mulher que não se encaixava nos modelos impostos por essa sociedade hipócrita.

Estereótipos e preconceitos que vem acompanhando as mulheres e os posicionamentos que estas devem tomar diante da sociedade. Os homens tentaram – e tentam até hoje – reprimir os anseios e desejos das mulheres criando regras para normatizar as atitudes femininas. Começaram por estudar seus corpos, pois, era preciso entender o motivo de algumas ações femininas e tentar dar-lhes explicações convincentes para a negação de tais mulheres para com as normas impostas pela sociedade para zelar pela honra delas mesmas e a de suas famílias.

Especialmente no tocante à maternidade, era necessário compreender porque algumas mulheres não queriam seguir as regras da sociedade burguesa de não se casarem ou tornarem-se mães. Como afirma Nascimento (2008) “as mulheres que negavam a maternidade viviam suas sexualidades livremente e comercializavam seu corpo não poderiam ser ‘normais’, ao contrário, era a negação de tudo isto, na ótica burguesa”.

Sendo assim, era mais confortável para essa elite burguesa, simplesmente não aceitar essas mulheres que tinham liberdade de assumir seus desejos, sendo eles sociais ou sexuais, taxando-as de anormais e classificando-as como fora dos padrões aceitos por uma sociedade que zelava pela moral e pelos bons costumes. A manutenção da honra e da moral encontrava-se acima de tudo. A junção da elite burguesa com os discursos médicos, o Estado e a Igreja foram os responsáveis pela tentativa de manutenção dessa ordem. Era necessário, nas primeiras décadas do século XX, que a nossa sociedade recebesse a modernidade e os símbolos do moderno, porém, com todo o cuidado para guardar a honra das famílias brasileiras.

A perspectiva de guardar a honra, a moral e os bons costumes se fez presente durante todo o século XX e chegou ao século XXI carregada de preconceitos que colocam as mulheres em posição inferior a dos homens. Às mulheres cabe o lugar de submissa da figura masculina, seja ela seu pai, irmão, tio, marido e, muitas vezes, o próprio filho no caso dela tornar-se viúva. Submissão em todos os setores de sua vida, já que para nós,

inúmeras vezes, nos é negado o direito e a liberdade de

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

escolha.

As mudanças ocorridas em nossa sociedade nas primeiras décadas dos anos 1900, já mencionadas no presente trabalho, afetou diretamente o papel da mulher na sociedade de então. Porém, os resquícios dessa sociedade machista são sentidos e percebidos até hoje pelas mulheres. A nós coube o que as nossas características fisiológicas nos permite - sermos mães (LIPPERT apud NASCIMENTO, 2008). Aquelas que não se encaixavam nesse estereótipo e vivia sua sexualidade de maneira livre, era considerada prostituta.

Atualmente, se uma mulher expressa o desejo de não ter filhos, logo é olhada com preconceito pelas próprias mulheres. Àquelas que viviam sua sexualidade, como prostitutas ou não, eram consideradas pervertidas e doentes, “pois o sexo era tido como uma atividade orgânica vinculada à reprodução, ou seja, uma necessidade fisiológica. Portanto, a sua livre manifestação resultaria na debilidade do organismo, pelo excesso de prazer e/ou ausência de finalidade reprodutora.” (ENGEL, 1989 apud NASCIMENTO, 2008)

As concepções de sexo ligado apenas à reprodução permearam, e ainda permeiam o pensamento da nossa sociedade. Ainda é muito difícil vermos em nossa sociedade, uma mulher que assume sua vida sexual ou suas escolhas pessoais, sem ser criticada pelas pessoas que a rodeiam ou por aquelas que nem a conhecem, simplesmente pelo fato de escolher uma vida diferente daquela imposta pela sociedade e pelas pessoas que desejam ‘manter a moral’ da sociedade.

A moral imposta pela sociedade burguesa e capitalista disseminou e impregnou o estigma na sociedade em meados do século XIX de que para as mulheres só havia duas alternativas nas quais se não estivesse incluída em uma, conseqüentemente estaria na outra: o casamento ou a prostituição.

As transformações ocorridas nos costumes vão tentar ser difundidas pelas elites brasileiras, contudo, muitas pessoas absorveram e outras deram novos sentidos aos comportamentos que atingia toda a sociedade. Percebemos ainda como o moderno vai estar presente na instituição da sociedade ao tentar romper com o atraso e como nos afirma Nascimento (2008)

(...) a moral burguesa vai se voltar para civilizar os costumes dos populares e nada melhor do que a família, como núcleo base da sociedade, para

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)



difundir esta moral, e mais, a mulher vai passar a ser vista não apenas como esposa-mãe-dona de casa, mas principalmente como a ordenadora e difusora dos bons costumes...instituiu que a 'natureza feminina' estava impelida para o lar e sua função maior era casar e gerar filhos...a mulher deveria educar seus filhos para eles se tornarem os futuros cidadãos. Era necessário, então, que a mulher fosse educada não só para o lar, mas que fosse instruída nas letras, para melhor formar seus filhos. (NASCIMENTO, 2008, p. 51-52)

As alternativas e caminhos a serem seguidos pelas mulheres desde então continuam bem parecidos. A mulher sempre foi conduzida para o casamento, a começar pela preservação de sua honra, já que para conseguir um bom casamento ela não poderia ter sido desvirginada ou deflorada por nenhum outro homem que não seu marido na noite de núpcias.

Logo após o casamento, a mulher passaria a ser protetora da honra da família e responsável por mantê-la bem, além de ser excelente dona de casa, esposa exemplar e mãe dedicada. As construções históricas continuam tentando ser quebradas pelas mulheres, que hoje, buscam por igualdade de direitos. Porém, como nos demonstra Nascimento (2008) o lugar de geradora da vida ainda é muito marcante, pois, para a elite burguesa "(...) é ela que gera e educa os filhos que serão os cidadãos do futuro... a grande missão da mulher era casar e ter filhos" (p. 21).

Os resquícios dessa sociedade machista e preconceituosa fazem-se presentes em nossos costumes atuais. Foram os conceitos de uma elite patriarcal os construtores de uma sociedade arraigada de preconceitos, tensões e controles para com a figura feminina que sofre com a desigualdade de gêneros até hoje, tantos anos depois de instalados os símbolos do moderno e os costumes advindos com a modernidade europeia.

A repressão no tocante à condição feminina está presente, especialmente, quando se trata de sua sexualidade. No processo histórico da modernidade na sociedade brasileira, como nos demonstra Nascimento (2008), a mulher era considerada 'normal' quando sua sexualidade estava submetida à sua condição de mãe e ao sentimento materno. É tanto presente essa afirmação, que as mulheres que decidiam viver sua sexualidade livremente ou enveredar nos caminhos da prostituição eram consideradas pelo discurso médico e, conseqüentemente, pela sociedade como 'loucas' e acometidas de vários distúrbios físicos.



Com o passar dos anos, as mulheres começaram a se rebelar contra esses preconceitos e, especialmente, após a década de 1970 com os movimentos hippies, elas passaram a viver sua sexualidade de maneira mais livre, embora carregadas de preconceitos para que mantivessem a moral e os bons costumes da sociedade. Hoje, mesmo com mais liberdade, ainda sofremos preconceitos quando se fala nessa temática e muitos homens continuam a alimentar a ideia de ‘mulheres para casar’ e ‘mulheres para se divertir’. Com isso, também se faz presente a ideia de que a mulher é concebida apenas para a maternidade e para ser dona de casa e, muitos homens ainda acreditam que ela deve ser um ser assexuado.

Por vezes, após a mulher se casar e tornar-se mãe, a vida conjugal pode mudar totalmente, tendo em vista que alguns homens comungam da ideia que a mulher perde muitos de seus “atrativos” após a gravidez, e após esse advento converte-se apenas na figura de mãe de família e dona de casa e não é mais objeto de desejo, fato que faz com que muitos homens com o tempo mantenham relações extraconjugais, o que nos leva novamente a uma das afirmações de Nascimento (2008) “O equilíbrio do homem dependia da prostituta, pois este equilíbrio só era atingido quando seus instintos nem eram totalmente reprimidos, nem totalmente livres; por isso seu apetite sexual era descarregado, suas fantasias realizadas e seu prazer atingido plenamente com a prostituta” (p. 43).

### **A mulher insatisfeita: Uma análise do conto**

A sexualidade das mulheres ainda é percebida por muitos de forma estigmatizada. Existem pessoas que acreditam que a mulher para ser respeitada na sociedade tem que ter um comportamento puritano perante a sociedade e essas exigências ganham proporções ainda maiores após a maternidade. Elas têm mais uma responsabilidade: dar bons exemplos para as crianças que serão o futuro da sociedade.

Todas essas convenções vieram ganhando forças com o passar dos anos. Hoje ainda existem esses pensamentos retrógrados. No século XIX, cientistas renomados afirmavam que as mulheres que tinham uma vida libidinosa – e que gostavam de sexo – tinham um grande potencial para a prostituição e que estas tinham características físicas que permitiam o reconhecimento facilmente.



Em muitas, os órgãos da mastigação são fortemente desenvolvidos; a boca em contínua atividade, comendo ou beijando, é conspícua; a fronte é em geral plana; a região occipital é às vezes extremamente proeminente; o cabelo de sua cabeça é em geral escasso – na verdade, muitas podem se tornar realmente carecas. Para isso, não faltam razões: acima de tudo, o modo de vida desassossegado; a contínua perambulação em qualquer situação climática a céu aberto, às vezes com a cabeça descoberta (...) a incessante escovação, manipulação, encrespamento e excesso de cremes de cabelo; e, entre as prostitutas de classe baixa, o uso do conhaque. A voz rouca é a característica fisiológica da mulher que perdeu suas funções próprias – aquelas de mãe. (LIPPERT apud NASCIMENTO, 2008, p. 36-37)

Percebemos assim, que esse discurso machista influenciou na forma como alguns indivíduos ‘enxergam’ as mulheres, ou seja, elas após o casamento – e se tornarem mães – tem por obrigação abandonar toda e qualquer vaidade, viver para manter a organização da casa, cuidar do marido e dos filhos. Algumas perdendo sua autoestima devido à atitude de seus companheiros perceberem nelas apenas a qualidade de ser uma boa mãe e “mulher respeitável”, abdicando seus lugares de amantes, de enamorados.

É o que percebemos no conto que nos propusemos analisar *A mulher insatisfeita* de Celamar Maione, no qual a personagem protagonista, Tereza, se sente negligenciada no que diz respeito à sua vida conjugal, especificamente sua sexualidade, após o nascimento de seu filho. Por mais que ela tente seduzir o marido, Rubens a ignora de todas as formas. Com todas as investidas sexuais para com o marido, a única resposta que obtém é “Não sinto mais tesão por você. Você agora não é mais mulher, é mãe do meu filho”.

Percebemos assim, que tanto o marido do conto analisado quanto os discursos médicos que construíram concepções como essas a partir das afirmações do criminalista italiano Lombroso (1896 apud NASCIMENTO, 2008) acreditam que “a mulher normal era aquela em que a sua sexualidade era submetida ao sentimento materno”. A mulher não poderia sentir desejos sexuais nem antes do casamento muito menos depois de tornar-se mãe.

No conto analisado, Tereza é uma mulher casada há oito anos com Rubens e tem um filhinho de dois anos de idade. A vida sexual do casal quando casaram e antes de terem o filho, segundo Tereza, era muito quente e o marido a desejava constantemente. Após o nascimento do filho, simplesmente Rubens diz perder todo o desejo sexual que sentia até

então, a ponto de dizer que ela não é mais mulher. Assim, podemos observar que nossa protagonista perde o lugar de mulher sexuada para tornar-se uma mãe assexuada.

Tereza desconfia do marido a ponto de colocar um detetive para investigar se Rubens tinha outra mulher tal era a falta de desejo por ela. Mesmo com todas as investidas possíveis, camisolas e calcinhas novas por parte de Tereza, Rubens simplesmente chega em casa e diz que ela está muito bonita e cheirosa, porém, cinco minutos depois de beijá-la adormece. A posição de nossa protagonista deixa qualquer mulher com a autoestima baixíssima e sem compreender o motivo pelo qual seu marido não a deseja mais.

Muitos maridos acreditam que as mulheres deixam de serem mulheres quando se tornam mães. A sociedade faz com que a condição feminina de submissão ao que ela sempre impôs, permaneça marcante e presente nos costumes das pessoas. Tereza consegue uma noite tórrida de amor selvagem quando afirma para Rubens que seu filho não é dele. Nesse momento, seu marido ‘perde a cabeça’ e sacia todos os desejos sexuais que estavam guardados dentro de Tereza. Porém, no cotidiano desse casal, Rubens permanecia a respeitá-la como dona de sua casa e mãe de seu filho.

### **Considerações Finais**

As mulheres foram obrigadas a se acostumarem com as normas e regras impostas por uma sociedade machista e patriarcal que apenas viam seus desejos e impulsos e tinham medo de dar liberdade às mulheres e, no final das contas, perderem seus papéis na sociedade. Contudo, as mulheres sempre encontraram brechas e maneiras de burlar todo o ‘poderio’ masculino e conseguiram enveredar por caminhos que as levaram ao alcance de direitos e mais liberdade ao longo dos anos.

A Modernidade trouxe para a nossa sociedade os símbolos do moderno ao mesmo tempo em que trouxe a normatização de costumes e o controle à vida das mulheres. Resquícios que foram deixados em nossa sociedade com marcas profundas de privação e controle dos nossos direitos, desejos e até mesmo dos nossos corpos.

Todavia, as mulheres sempre encontraram meios para burlar essas imposições patriarcais e, ao longo dos anos, foram conseguindo alcançar maior liberdade de expressão



social e sexual. Em especial podemos mencionar no tocante aos papéis assumidos por elas na sociedade e a afirmação de que toda mulher pode ser o que desejar. Pode ser mulher, mãe, dona de casa, esposa ou assumir qualquer outro diante da sociedade, que podem estar sozinhas ou acompanhadas elas são mulheres pelo simples fato de serem mulheres e não por estarem casadas com um homem ou sob a tutela de um pai.

É essa mesma mulher que decide ter uma vida sexual ativa, independente de já ser mãe ou de ser casada. Sob a égide da responsabilidade de seus próprios atos, as decisões do que é melhor para sua vida é unicamente sua. Mesmo em uma sociedade carregada de preconceitos, a mulher consegue garantir sua liberdade física, social, política, econômica ou sexual. É ela quem dita sua vida e responsabiliza-se por suas escolhas, não mais calando-se diante de imposições machistas e preconceituosas.

## Referências

MAIONE, Celamar. *A mulher insatisfeita*. Disponível em: [contodavidareal.blogspot.com.br/2009/12/mulher-insatisfeita.html](http://contodavidareal.blogspot.com.br/2009/12/mulher-insatisfeita.html). Acesso em 21 de Julho de 2016.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O Doce Veneno da Noite: prostituição em Campina Grande (1930-1950)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.